

ARIEL, DE SYLVIA PLATH: NOTAS SOBRE A MATERIALIDADE DE UMA EDIÇÃO BRASILEIRA¹

ARIEL, BY SYLVIA PLATH: NOTES ABOUT THE MATERIALITY OF A BRAZILIAN EDITION

Rossanna dos Santos Santana Rubim²
Mestranda em Letras
Universidade Federal do Espírito Santo
(rossannarubim@gmail.com)

RESUMO: O presente artigo faz alguns apontamentos referentes à edição bilingue de *Ariel*, de Sylvia Plath, publicada pela Verus Editora em 2007, em breve contraposição com outras duas edições cujos direitos de publicação remontam aos anos de 1965 e 2004, respectivamente. Buscou-se fundamentação no referencial de Roger Chartier, no que diz respeito às questões ligadas à materialidade dos textos, que extrapolam as peculiaridades de apresentação do livro como objeto. Foi possível identificar diversos elementos que constituem a identidade distinta da edição brasileira analisada, sendo sua constituição considerada um elemento influenciador do ato da leitura.

Palavras-chave: Sylvia Plath – Ariel; Materialidade dos textos; História do livro

ABSTRACT: This article presents some notes regarding to the bilingual edition of *Ariel*, by Sylvia Plath, published by Verus Publisher in 2007, by contrasting it briefly with two other editions whose publishing rights goes back to the years 1965 and 2004 respectively. It has sought justification in the references of Roger Chartier, with regard to issues of materiality of texts which go beyond the peculiarities of the book as an object. It was possible to identify various elements of the distinct identity of the Brazilian edition analyzed, and its constitution was considered an influential element of the act of reading.

Keywords: Sylvia Plath – Ariel; Materiality of texts; History of the book

Primeiras notas e fundamentação

Acreditando que não seja possível observar o histórico de uma obra sem que seja dada importância aos diversos fatores e atores que permeiam a elaboração e existência da mesma, o presente trabalho objetiva trazer breves apontamentos a respeito da edição bilingue brasileira do título *Ariel*, datada de 2007, de autoria da poetisa americana Sylvia Plath. Para tal tarefa, será lançada mão de contraposição de duas edições britânicas do referido título, uma cujos direitos remontam ao ano de 1965 e outra, restaurada, ao ano de 2004, sem, no entanto, dar o mesmo tratamento crítico e descritivo para todas.

¹ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior/DF.

² Bibliotecária/Documentalista do Instituto Federal do Espírito Santo – *campus* São Mateus, membro do grupo de pesquisa Literatura e Educação (www.literaturaeeducacao.ufes.br).

No intuito de atribuir fundamentação ao presente, utiliza-se referencial teórico de Roger Chartier (2002, 2007), na medida em que este destaca questões relativas ao contexto da materialidade do livro.

[...] convém lembrar que a produção, não apenas de livros, mas dos próprios textos, é um processo que implica, além do gesto da escrita, diversos momentos, técnicas e intervenções, como as dos copistas, dos livreiros editores, dos mestres impressores, dos compositores e dos revisores. [...]. **Elas concernem mais fundamentalmente às relações múltiplas, móveis e instáveis, estabelecidas entre o texto e suas materialidades, entre a obra e suas inscrições.** O processo de publicação, seja lá qual for sua modalidade, é sempre um processo coletivo que requer numerosos atores e não separa a materialidade do texto da textualidade do livro. (CHARTIER, 2007, p. 12-13, grifo nosso).

Segundo o autor, as tensões decorrentes do processo ora descrito, uma vez que são indissociáveis, vão caracterizar as relações do leitor com os textos, não importando a “categoria” do mesmo (CHARTIER, 2007, p. 14).

Ainda nesse contexto, em análise de universo tipográfico descrito em capítulo de **Dom Quixote de La Mancha**, de Miguel de Cervantes, Chartier também chama atenção para o intrincado processo editorial, acentuando a importância das atividades e intervenções ali presentes.

Como um efeito das práticas da editora e do trabalho de colaboração de muitos agentes, cada variante, até mesmo a mais estranha e a mais inconsistente, deve ser compreendida, respeitada e possivelmente editada de modo a transmitir o texto em uma das múltiplas modalidades de sua escrita e sua leitura. [...]. Assim, editar um trabalho não deve significar a recuperação desse texto inexistente, mas sim tornar explícito tanto a preferência dada a uma das diversas “formas registradas” do trabalho quanto as escolhas concernentes à “materialidade” do texto – isto é, mostrar suas divisões, sua ortografia, sua pontuação, seu *layout* etc. (CHARTIER, 2002b, p. 41).

Zilberman (2011), em trabalho apresentado no **Colóquio Internacional Roger Chartier e os Estudos Literários**, realizado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro em julho de 2007, analisa a proposta teórica de Chartier à luz dos textos que compõem o livro **Do palco à página: publicar teatro e ler romances na época moderna (século XVI-XVIII)**, chamando atenção para as proposições do autor quanto aos processos de produção do livro, dizendo da pluralidade de colaborações nessa transposição do oral para o escrito, coaduna com ele no que se

refere à importância dos estudos dos modos de constituição do texto para melhor compreensão do “fenômeno literatura”.

A “verdadeira experiência de literatura no passado” pode estar perdida para sempre; o passado, como objeto da história, pode se mostrar mais mutável do que se desejaria. Porém, o empenho na direção de sua recuperação, visitando suas marcas materiais e seus efeitos sobre obras e livros, é o que expressa o significado da pesquisa e presentifica a interlocução com os objetos atribuídos a esse fenômeno há alguns séculos denominado literatura (ZILBERMAN, 2011, p. 170).

Imbuindo-se então dessa proposta, permitida por meio de viés da História Cultural, de que “um texto está sempre inscrito em uma materialidade (CHARTIER, 2002a, p. 244), o *corpus* dessa pesquisa será também tratado como fonte de informação, uma vez que se acredita que a forma final de sua apresentação não é despropositada ou mesmo dissociada das inscrições deixadas em decorrência das atuações coletivas para a construção dessas obras.

Ariel em três tempos

Sylvia Plath, poeta estadunidense (1932-1963), ficou reconhecida como representante do cânone americano dos poetas “confessionais”. **Ariel**, obra da autora publicada postumamente, teve sua primeira edição lançada em 1965, dois anos após seu suicídio. O marido da autora, o poeta britânico Ted Hughes, a quem conheceu no ano em que ela se mudou para Cambridge por ocasião de ter sido agraciada com uma bolsa de estudos, foi o responsável pela referida edição. De acordo com Peter K. Steinberg (2014), autor de biografia sobre a autora e do site **Sylvia Plath Info**, decorreram-se aproximadamente vinte anos até que viesse à tona que a publicação havia sido idealizada de forma diferente, deliberadamente, ao desejo da autora, ação que vai ao encontro do dito por Chartier (2007) quanto às intervenções e às participações coletivas no processo de construção do livro. Em **Ariel**, tais intervenções também podem suscitar questões outras – embora não se pretenda trazer desdobramentos sobre as mesmas no presente artigo –, como a relativa a uma categoria considerada fundamental para Foucault (1992, p. 34): “**o-homem-e-a-obra**”. Para o filósofo, tanto a “função” do autor quanto a noção de obra apresentam-se indissociáveis, sendo um problema teórico e técnico importante.

Em 2004, a editora inglesa Faber and Faber Limited lançou edição restaurada de **Ariel**, que, além de trazer os poemas organizados da forma original pela autora, importando inclusive sumário e ordenação sugerida por ela, traz também prefácio de Frieda Hughes, filha mais velha de Sylvia, e fac-símile dos manuscritos dos poemas datilografados. No prefácio citado, é possível contextualizar o “desejo” da autora mencionado anteriormente:

Quando cometeu suicídio, em 11 de fevereiro de 1963, minha mãe deixou uma pasta preta sobre sua escrivaninha, contendo um manuscrito com quarenta poemas. Ela provavelmente tenha trabalhado pela última vez na ordenação do manuscrito na metade de novembro de 1962. [...].

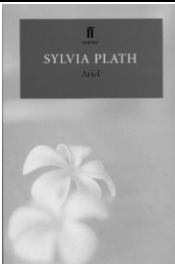


A primeira página do manuscrito, sobriamente datilografada, dá como título da coleção *Ariel e outros poemas*. Nas duas folhas que se seguem, títulos alternativos foram tentados, então sucessivamente riscados e uma substituição escrita a mão acima deles. [...].

Quando *Ariel* foi publicado pela primeira vez, editado por meu pai, era uma coletânea um tanto diferente do manuscrito deixado por minha mãe. Meu pai não seguiu a ordem do sumário dela [...] (HUGHES, 2007, p. 13, grifo do autor).

Importante se faz pontuar que, à luz de uma perspectiva da História Cultural, pode-se dizer que o relato de Frieda Hughes, presente no referido prefácio, trata-se de um testemunho de memória. Sobre isso, diz Chartier: “[...] é no testemunho da memória, na recordação da testemunha, que a história encontra a certeza na existência de um passado que foi, que já não é mais e que a operação historiográfica pretende representar adequadamente no presente” (2011b, p. 117).

Numa tentativa de melhor entender como se diferenciam a organização da edição inglesa, cujos direitos remontam ao ano de 1965, e as edições inglesa e brasileira de 2004 e 2007, respectivamente, realizou-se tabulação descritiva das três edições citadas, o que pode ser verificado no quadro a seguir, sendo que a análise final terá maior concentração na edição brasileira.

Uma primeira observação dos dados tabulados no Quadro 1 dá margem a alguns apontamentos que, de certa forma, vêm a proporcionar um melhor entendimento de como se deu a história desse título, culminando na publicação brasileira. Espera-se, mesmo que brevemente, nessa superficial comparação, exemplificar a tensão existente entre a identidade de uma obra e a mobilidade dos textos que a representam (CHARTIER, 2011a, p. 175).

| | | | |
|--|---|--|---|
| Descrição física e dados editoriais* |  |  |  |
| Ano de Copyright | 1965 | 2004 | 2007 |
| Ano de publicação | 1999 | 2010 | 2007 |
| ISBN | 0-571-20230-6 | 978-0-571-26418-6 | 978-85-7686-026-6 |
| Suporte | Papel jornal (paperback) | E-book (Kindle) | SI |
| Dimensões | 17 x 11 cm | NA | 21 x 14 cm |
| Encadernação | Hot melt (folhas fresadas e coladas na capa) | NA | Brochura com cadernos costurados e colados à capa) |
| Número de páginas | 81 | NA | 209 |
| Colofão | Não apresenta | Não apresenta | Apresenta |
| Orelhas | Não apresenta | NA | Apresenta |
| Valor de capa, em reais, exemplar novo em 20/05/2014 | R\$14,92 | R\$22,00 | R\$35,00 |
| Editora | Faber and Faber | Faber and Faber | Verus |
| Local de publicação | Londres, GB | Londres, GB | São Paulo |
| Capa e projeto gráfico | Fotografia de Minori Kawana/Photonica Design Pentagram | SI | Design André S. Tavares da Silva |
| Copidesque | SI | SI | Carlos Eduardo Sigrist |
| Fontes/Letras utilizadas | SI | Possível escolher entre as fontes Baskerville, Caecilia, Georgia, Helvetica, Palatino e Publisher Font | SI |
| Impressão | Mackays of Chatham PLC | NA | Editora e Gráfica Vida & Consciência |
| Tradução | NA | NA | Rodrigo Garcia Lopes** e Maria Cristina Lenz de Macedo*** |
| Idioma de publicação | Inglês | Inglês | Poemas: inglês e português Apresentação, prefácio e notas: português |
| Prefácio | Não apresenta | Frieda Hughes | Frieda Hughes |
| Apresentação | Não apresenta | Não apresenta | Rodrigo Garcia Lopes |
| Extras | Não apresenta | Fac-símile dos manuscritos dos poemas, notas, texto | Fac-símile dos manuscritos dos poemas, notas, texto |

| | | | |
|--|--|----------------|---------------------|
| | | sobre a autora | sobre os tradutores |
|--|--|----------------|---------------------|

Fonte: PLATH, 1999, 2010 e 2007.

NA – não se aplica/ SI – Sem informação

** Graduado em Comunicação Social pela Universidade Estadual de Londrina (1987), mestre em *Interdisciplinary Humanities* pela *Arizona State University* (1992) e doutor em Letras (Inglês e Literatura Correspondentes) pela Universidade Federal de Santa Catarina (2000) (LOPES, 2014).

*** Professora de inglês, graduada pela Universidade Federal de Santa Maria, mestre em literaturas de língua portuguesa pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com tese sobre Érico Veríssimo (SOBRE..., 2007).

Quadro 1 – Análise descritiva comparativa de três edições de Ariel

Verifica-se um cuidado com a construção da edição restaurada da Faber and Faber, em comparação com a edição cujos direitos remontam a 1965. Mesmo a versão analisada apresentando-se no formato eletrônico, é perceptível o zelo editorial de apresentação textual, organização de partes e inclusão de extras. Já da edição brasileira (2007) é possível dizer que: tanto reflete o esmero apresentado pela edição eletrônica, quanto traz elementos outros de constituição que vêm a colaborar para certo refinamento no produto final e nas relações com o leitor.

Em linhas gerais, a edição publicada em 1999 pode ser descrita como pertencente aos atualmente chamados “livros de bolso”, de menor valor e produzidos com papel de baixa qualidade, escurecido, sem maiores informações sobre a equipe editorial. A encadernação em brochura que junta as folhas por meio de processo *hot melt* (cola quente) resulta em livro frágil, cujas páginas não interligadas, coladas ligeiramente entre si e depois na capa mole, apresentam-se mais suscetíveis ao descolamento. Também a inexistência de elementos complementares outros (apresentação, prefácio, orelha) dá conta de uma publicação “do texto pelo texto”.

A publicação eletrônica da edição restaurada, que sucede a publicação impressa em 2004, apresenta as facilidades de recuperação e “navegação” pelo texto, ilustrando a típica leitura fragmentada inerente aos suportes digitais. Peca essa edição na não identificação da equipe editorial, com créditos diretamente relacionamentos somente à Faber and Faber como instituição. Contudo, a opção variada de fontes para leitura, sendo que nos outros dois livros não há ao menos a indicação de qual fonte foi utilizada para impressão, denota uma das facilidades ora ofertadas pelo livro eletrônico. Outro fator a ser observado é a presença ali de prefácio de Frieda Hughes e ao final do livro notas sobre poemas e fac-símile dos manuscritos, nos quais estão inscritas as intenções de retratação do mercado

editorial para com o legado da autora, não esvaziando o sentido de existência das publicações anteriores, o que é expresso da seguinte maneira por Frieda: “Essa nova edição, restaurada, é minha mãe naquele momento. É a base do Ariel editado por meu pai. Cada versão tem significado próprio, embora as duas histórias sejam uma só” (HUGHES, 2007, p. 22).

Voltando o olhar para os detalhes físicos e de descrição editorial da edição bilíngue brasileira do ano de 2007 publicada pela Verus Editora³, traduzida da edição da Faber and Faber, de 2004, percebe-se um cuidado com as informações pertinentes ao corpo editorial. A encadernação da impressão (destaque-se a qualidade superior do papel, de cor creme) feita no formato de brochura, que traz os cadernos costurados e posteriormente colados à capa, proporciona ao leitor o manuseio de material com melhor constituição física, mais resistente. O objeto livro extrapola a publicação do texto original, que dá a primeira identidade à obra, trazendo: apresentação detalhada do livro, de autoria de um dos tradutores e que traz considerações sobre as imbricações históricas que ocasionaram a existência do mesmo; orelhas na quais constam breve resumo explicativo da publicação e dados biográficos da autora; e seção destinada a informações específicas sobre os tradutores, cuja formação acadêmica e experiência profissional demarcam uma preocupação com a qualidade do produto final.

Da edição na qual se baseou para publicação citada, foram traduzidos para o português: o prefácio de Frieda Hughes, os poemas e as notas sobre os mesmos. Os fac-símile dos manuscritos, ao contrário da edição de origem, são dispostos lado a lado dos seus respectivos poemas em português, configurando assim a publicação bilíngue. Esse arranjo, para o leitor brasileiro que possui boa proficiência em língua inglesa, proporciona uma leitura diferenciada, em que as nuances inerentes ao trabalho de tradução podem se dar a perceber, uma vez que “[...] o tradutor muda palavras, períodos, formas e episódios para ajustar o texto ao gosto dominante do momento da tradução” (CHARTIER, 2001, p. 68). Desse arranjo, também chamam atenção detalhes visíveis nos manuscritos retratados, ora inerentes às intervenções manuais feitas pela autora, ora pela impressão mais ou menos nítida de um dos tipos da máquina datilográfica, como é caso da letra “w”,

³ Editora que atua no mercado desde 2000, com sede em Campinas/SP, tendo sido adquirida pelo Grupo Record Editorial em abril de 2010 (VERUS EDITORA, 2014).

que aparece muitas vezes um tanto mais escurecida que as demais. Tais detalhes irrompem numa perspectiva de aproximação temporal, alimentando o imaginário do leitor quanto ao momento original de criação daquele texto literário.

Considerações finais

Esse olhar voltado a essas diferentes edições, principalmente às duas mais recentes, vem demarcar um momento na história literária, um momento de publicações no formato de redenção, de restituição de uma visão quarenta anos depois dela manifesta. Eis o que representa o lançamento editorial de **Ariel: the restored edition**, em 2004, e também da tradução publicada pela Verus Editora.

Dizer da restituição parece ser acertado, uma vez que por motivos que agora não se apresentam o formato desejado de publicação por parte da autora não foi entendido, ou mesmo permitido, pelo seu marido Ted Hughes. O que dizer então desse ator: sujeito de exclusão de um discurso? Censor autorizado da história retratada nos poemas e que dele não se dissociam? Não há subsídios suficientes aqui para fornecer respostas a tais questionamentos.

Não seria incorrer em erro dizer que se espera um perfil diferenciado do público alvo da obra publicada pela Verus Editora, devendo ser o mesmo um leitor de poesia atento aos detalhes inerentes à apresentação material de um livro, proficiente em outro idioma e observante das questões particulares à história da obra que tem em mãos. Tal cenário, de um provável direcionamento, não prescinde, porém, a leitura de **Ariel** por público diverso.

Mesmo que breve, a análise aqui proposta valida a importância de se observarem os eventos que permeiam a materialidade do texto, pois se percebe que essas intervenções são determinantes na produção do impresso e que os formatos por ele assumidos sofrerão sempre as influências dos tempos e espaços que lhe forem inerentes, conseqüentemente, passando também eles a representarem tais tempos, tais espaços. Certamente, os anseios quanto às publicações, seja por parte do segmento editorial, seja por parte dos leitores, serão distanciados na medida em que novos formatos, novas intenções se inscreverem no decorrer da história, mesmo que recente.

Importa, dessa forma, dar a conhecer e procurar compreender essas diferenças que individualizam e contextualizam a existência do livro, do texto, do

impresso em geral, pois as relações que permitem suas existências são as mesmas que demarcarão certo contrato de leitura, próprio de cada leitor, em seus diferentes momentos.

Referências

CHARTIER, R. Bibliografia e história cultural. In: _____. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes**. 1. ed. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2002a, p. 243-254.

_____. **Cultura escrita, literatura e história: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit**. Tradução Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2001.

_____. Dom Quixote na tipografia. In: _____. **Os desafios da escrita**. Tradução Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Editora Unesp, 2002b, p. 33-60.

_____. Materialidade e mobilidade dos textos: Dom Quixote entre livros, festas e cenários. In.: ROCHA, J. C. de C. (org.). **Roger Chartier: a força das representações: história e ficção**. Chapecó/SC: Argos, 2011a. p. 173-200.

_____. Mistério estético e materialidade da escrita. In: _____. **Inscrever e apagar: cultura escrita e literatura (séculos XI-XVIII)**. Tradução Luzmara Curcino Ferreira. São Paulo: Editora Unesp, 2007.

_____. O passado no presente: ficção, história e memória. In: ROCHA, J. C. de C. (org.). **Roger Chartier: a força das representações: história e ficção**. Chapecó/SC: Argos, 2011b. p. 95-123

FOUCAULT, M. O que é um autor? In: **O que é um autor?** Tradução António Fernando Cascais e Edmundo Cordeiro. Lisboa: Veja; Passagem, 1992. p. 29-87.

HUGHES, F. Prefácio. In: PLATH, S. **Ariel**: edição restaurada e bilíngue, com os manuscritos originais. Tradução Rodrigo Garcia Lopes e Maria Cristina Lenz de Macedo. Campinas: Verus Editora, 2007. p. 13-22.

LOPES, R. G. **Currículo Lattes [de] Rodrigo Garcia Lopes**. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/6055333240370254>>. Acesso em: 20 maio 2014.

PLATH, S. **Ariel**. London: Faber and Faber, 1999.

_____. **Ariel**: edição restaurada e bilíngue, com os manuscritos originais. Tradução de Rodrigo Garcia Lopes e Maria Cristina Lenz de Macedo. Campinas: Verus Editora, 2007.

_____. **Ariel**: the restored edition: a facsimile of Plath's manuscript, reinstating her original selection and arrangement [Kindle edition]. London: Faber and Faber, 2010. Livro eletrônico.

SOBRE os tradutores. In.: PLATH, S. **Ariel**: edição restaurada e bilíngue, com os manuscritos originais. Tradução de Rodrigo Garcia Lopes e Maria Cristina Lenz de Macedo. Campinas: Verus Editora, 2007. p. 209.

STEINBERG, P. K. **Sylvia Plath Info**. Disponível em: < <http://www.sylviaplath.info/>>. Acesso em: 20 maio 2014.

VERUS EDITORA [site institucional]. **Sobre a Verus**. Disponível em: <<http://www.clicrbs.com.br/jsc/sc/impressa/4,59,1751735,18218>>. Acesso em: 20 maio 2014.

ZILBERMAN, R. Leitura e materialidade da história da literatura. In: ROCHA, J. C. de C. (org.). **Roger Chartier**: a força das representações: história e ficção. Chapecó/SC: Argos, 2011. p. 141-170.

Recebido em 10 de fevereiro de 2015
Aprovado em 12 de junho de 2015